



Caracterização da idade em *Spizaetus melanoleucus*: Primeira documentação fotográfica

Fotos e texto de Ryan Phillips, Belize Raptor Research Institute, harpiabz@yahoo.com; Yera Seminario, The Peregrine Fund, yerasdy@gmail.com

Jovem (primeiro ano) *Spizaetus melanoleucus*



O *Spizaetus melanoleucus* tem uma ampla, embora descontínua, distribuição em toda América Central e do Sul, e é considerado escasso na maioria dos locais de ocorrência (Ferguson-Lees e Christie 2001). Das três espécies neotropicais do gênero *Spizaetus*, o gavião-pato tem a mais reduzida área de distribuição e é considerado o mais raro (Birdlife International 2009). Entre 1988 e 2000, o Birdlife Internacional e a IUCN consideravam o gavião-pato como quase ameaçado, mas alteraram o seu "status" para "preocupante", em 2000, devido à insuficiência de dados sobre a espécie (Birdlife International 2009). Foram relatados cinco ninhos ao longo da sua área de distribuição (Strauch 1975; Anderson 2004; Canuto 2008; Phillips 2009), e apenas

um foi descrito em detalhes (Canuto, 2008), de modo que a descoberta de qualquer novo ninho é uma fonte de informações extremamente valiosa para aumentar o conhecimento sobre esta espécie.

A capacidade de caracterizar corretamente a idade das aves de rapina é importante quando se quer quantificar a produtividade de uma população e também pode ajudar a localizar um território com um ninho ativo, assumindo que a dispersão juvenil ainda não ocorreu (Steenhof e Newton 2007). Até o momento apenas alguns manuais e artigos descrevem as diferentes idades do gavião-pato, porém só fazem referências a algumas características da plumagem e não incluem uma descrição completa que inclua outras características (Stiles e Skutch

TEMAS BOLETIM #8:

Caracterização da idade em <i>Spizaetus melanoleucus</i>	1
Conscientização Pública Suporta Reintrodução da <i>Harpia harpyja</i> em Belize.....	6
Novas pesquisas sobre <i>Buteo ventralis</i> no sul de Chile	8
Ocorrência de <i>Strix bubula</i> em Brasil	10
Nova Literatura.....	12
Próximas Conferências	13

1989; Howell e Webb 1995; Ferguson-Lees e Christie 2001; Canuto 2008). Em nossa revisão encontramos apenas imagens de adultos e filhotes ninhegos (Canuto, observação pessoal), mas nenhuma dos jovens após deixarem o ninho. Neste artigo, apresentamos uma descrição detalhada das diferenças entre aves jovens e adultas através de fotografias de um jovem, um



Figura 1. Aparência geral de um adulto (esq.) e um jovem (dir.)

ninhego e cinco adultos, além de observações de campo. Quando nos referimos a jovens estamos falando de plumagem juvenil de primeiro ano (Básico I, de acordo com Howell et al, 2003) e não de plumagem juvenil de segundo ano e posteriores. Uma das poucas referências ao processo de muda no gavião-pato afirma que "obtem a plumagem de adulto ao término da primeira muda com um ano de idade" (Howell e Webb, 1995), entretanto são necessários mais estudos sobre o assunto porque as outras espécies de tamanho semelhante na família Accipitridae necessitam de três a quatro anos para substituir toda a plumagem juvenil (Pyle 2009).

Conseguir diferenciar um gavião-pato adulto de um juvenil pode ser complicado, porque as características da plumagem e das regiões sem penas são muito semelhantes, mas há algumas pistas sutis para diagnosticar as diferentes idades. No "Mountain Pine Ridge" em Belize, entre julho e setembro de 2009, pudemos observar em diversas ocasiões no mesmo local, tanto um gavião-pato jovem (plumagem juvenil de primeiro ano) como um adulto, o que inspirou este artigo. Isso ocorreu a 740 metros de altitude na zona de transição entre a floresta de pinheiros de montanhas

e a floresta pluvial ao longo de um vale profundo. Assumimos que o jovem era cria do adulto já que interagiam com frequência, vocalizando, havendo inclusive troca de presas entre eles. Isso sugeriu que poderia haver um ninho nas proximidades, já que os jovens de outros rapinantes semelhantes são dependentes dos adultos até um mínimo de um ano de idade, não se afastando do ninho durante este período (Madrid et al. 1991). O aspecto geral tanto dos adultos como dos jovens é muito semelhante (Figura 1), principalmente quando visto em vôo ou à distância. As diferenças não são óbvias e requerem observação cuidadosa, com atenção aos detalhes.

As características em que devemos nos fixar são a crista negra, a cor do dorso, a quantidade de branco na borda anterior da asa, largura e número de faixas na cauda, tamanho da cauda, o padrão das asas, a cor da íris e a estrutura geral das penas. O mais fácil e confiável é o padrão da crista, que pode ser totalmente negra ou guarnecida de branco (Figura 2). Nos adultos, a crista negra cobre completamente a parte superior da cabeça, dando a aparência de uma coroa ou boné, enquanto nas aves jovens há apenas uma crista incompleta com uma porção de penas negras pontilhadas com branco. É possível que nos jovens de mais idade, o pontilhado branco da crista desapareça pelo desgaste das penas. Se não for possível ver a crista, a próxima característica mais confiável é a cor da garupa, dorso, escapulares e pequenas coberteiras da asa. Nos adultos, toda esta área é de cor negro azeviche, sem nenhuma borda branca, enquanto nos jovens as pequenas coberteiras são marrons, com ponta branca fazendo com que os ombros pareçam pontilhados de branco. No entanto, em condições de luz deficiente, o jovem pode parecer



Figura 2. Diferença na crista do adulto (esq.) e jovem (dir.). Note o número e o tamanho das penas e as pintas brancas no indivíduo jovem.

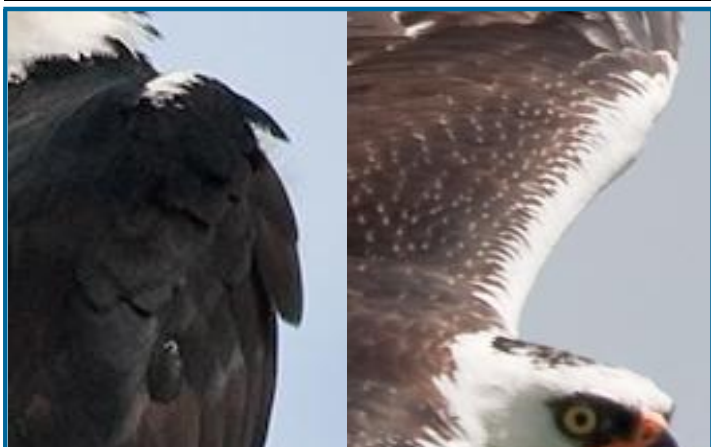


Figura 3. Diferença entre as pequenas coberteiras das asas em um adulto (esq.) e em indivíduo jovem (dir.). Observe a cor e o salpicado de pontos brancos (a cor não foi alterada).

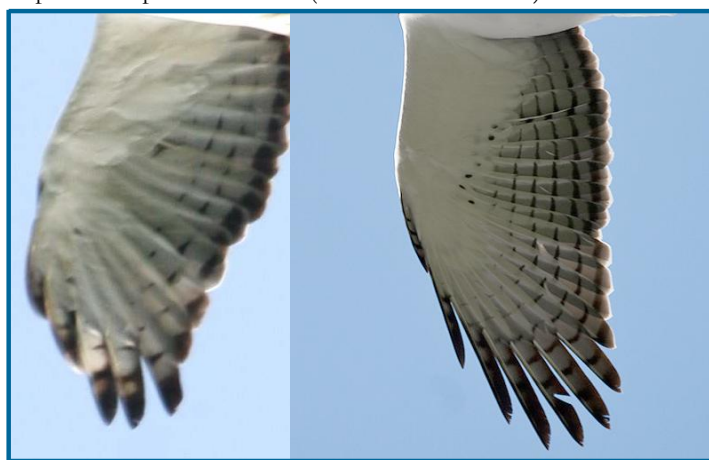


Figura 4. Diferença na estrutura das penas de um adulto (esq.) e jovem (dir.). Observe as primárias mais estreitas e com a ponta em forma de cunha no jovem em comparação com as penas mais largas e arredondadas nos adultos.

muito mais escuro, e neste caso se deve ter muito cuidado quando julgar a cor. Nos jovens a borda anterior da asa tem mais branco, sobressaindo a face dorsal da asa (Figura 3).

Uma característica importante quando se tenta caracterizar a idade de uma ave de rapina ou de qualquer outra ave e que muitas vezes não é levada em conta, é a estrutura das penas (Pyle 2009). Estruturalmente, as penas de jovens e adultos são muito diferentes. As penas das aves jovens são mais estreitas e tendem a terminar em forma de cunha, ao passo que as penas básicas são mais largas e com a ponta arredondada (Pyle, 2009). Isto pode ser observado nas cinco primárias mais externas (P6-P10) quando os indivíduos estão em vôo (Figura 4). Como resultado, os jovens têm uma projeção primária maior. Observando-se o indivíduo pousado a projeção primária é quase o dobro nas aves jovens, com as

primárias acompanhando quase todo o comprimento da cauda (Figura 5). Os jovens de primeiro ano têm a plumagem nova e sem marcas de mudas, o que faz com que suas penas pareçam limpas, bem delimitadas, uniformes, enquanto nos adultos podem apresentar níveis diferentes de cor e desenho, se foram mudadas recentemente ou estão desgastadas ou desbotadas. O padrão da face inferior da asa pode ajudar a determinar a idade, mas não é diagnóstico, já que pode haver grande variação no número de faixas nas penas de vôo em diferentes indivíduos e entre populações diferentes. Todos os adultos que observamos têm menos faixas tanto nas primárias como nas secundárias. Os adultos têm de duas a quatro faixas, enquanto os jovens têm de quatro a seis. A faixa subterminal é mais larga e mais escura nos adultos (Figura 4). Uma característica que parece ocorrer só nos jovens é a presença de manchas negras nas grandes coberteiras inferiores da asa, porém são necessários mais estudos para eliminar uma possível

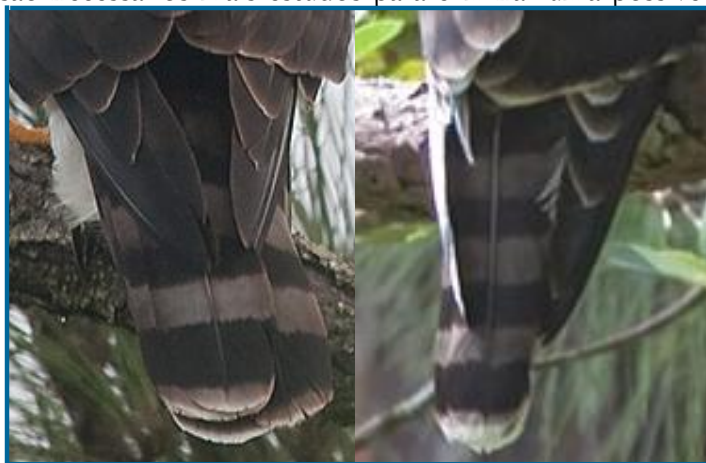


Figura 5. Vista dorsal das diferenças no padrão de faixas na cauda, entre adulto (esq.) e jovem (dir.). Observar a largura das faixas, principalmente a faixa subterminal.



Figura 6. Vista ventral das diferenças no padrão de faixas na cauda entre adulto (esq.) e jovem (dir.). Observe a largura da faixa subterminal, o número de faixas e até qual faixa chegam as coberteiras inferiores da cauda.

variação intra-específica. Esta característica não estava presente em nenhum dos adultos que observamos.

A idade pode ser determinada através da observação da superfície ventral da cauda da ave em voo ou empoleirada. Os jovens parecem ter uma cauda mais longa que os adultos e têm de cinco a seis faixas, enquanto os adultos têm geralmente quatro. Também é importante observar até qual faixa chegam as coberteiras infracaudais. Nos jovens as coberteiras infracaudais alcançam a terceira faixa, enquanto nos adultos alcança a segunda faixa ultrapassando a terceira faixa, se considerarmos a faixa subterminal como a primeira faixa (Figura 6).

Outras diferenças mais sutis são a largura das faixas na cauda, a cor da íris e a cor de cera. Nos adultos, a faixa subterminal na cauda é ligeiramente mais larga que nos jovens, porém é difícil distinguir entre diferentes idades (Figura 5). Quando a ave é observada em voo e é possível ver a face ventral da cauda, é difícil avaliar a largura das faixas, a menos que se esteja muito próximo da ave (Figura 6). A cor da íris muda na maioria das aves de rapina ao longo do primeiro ou nos dois primeiros anos de vida, o que pode ajudar na diferenciação, porém devemos ser cautelosos, porque a cor da íris pode variar geograficamente ou entre indivíduos de sexos diferentes (Bortolotti et al. 2003). Parece que a cor da íris muda muito rapidamente no gavião-pato, embora seja necessária uma amostragem maior para se chegar a uma conclusão definitiva. Nos ninhegos a íris é cinza claro, já nos jovens é

de um amarelo claro, muito menos intenso que o amarelo vivo dos adultos (Figura 7). No campo, a cor da íris pode mudar de aparência com diferentes condições de luz e com relação à distância do observador, fazendo com que este recurso não seja confiável a menos que seja uma ave muito jovem recém saída do ninho e que ainda apresente a íris cinza clara. A cor da cera pode variar de acordo com o estado de saúde, assim como com a idade, e por isso não é uma característica confiável quando da caracterização da idade (Casagrande et al 2007). Apesar do gavião-pato adulto ter uma cera de coloração laranja mais intensa, a diferença é pequena e, portanto é uma característica que não deve ser considerada isoladamente (Figuras 2 e 7).

Como vimos a distinção entre um gavião-pato jovem e um adulto pode ser complicada, mas o uso destes parâmetros pode ajudar a fazer uma distinção correta. No campo as aves do gênero *Spizæetus* são normalmente vistas planando alto ou empoleiradas a distâncias consideráveis, com condições deficientes de luz. Deste modo uma boa parte das características descritas são difíceis de ser estabelecidas.

Quando se observa uma ave em voo deve-se prestar atenção ao padrão da parte inferior das asas, estrutura das penas de voo, cor do dorso, o número e a largura das faixas na cauda e extensão das coberteiras inferiores da cauda. Quando a ave está pousada deve-se tentar ver a cor da crista e do dorso e se existe manchas brancas nas pequenas coberteiras, o número e a largura das faixas na cauda e o comprimento da projeção das primárias. No



Figura 7. Diferenças na cabeça de adulto (acima) e jovem (abaixo). Observe a cor da íris e da cera.

DICAS ÚTEIS PARA IDENTIFICAR GAVIÃO-PATO ADULTO E JOVEM

Em vôo

- Cor do dorso, escapulares, garupa, cor e o salpicado de branco nas coberteiras superiores da asa.
- Estrutura das penas de vôo.
- Face inferior das asas: padrão de bandas e o salpicado nas grandes coberteiras inferiores da asa
- Número e largura das faixas na cauda.
- Coberteiras inferiores da cauda em relação às faixas da cauda.

Empoleirado

- Crista: Procure crista completamente negra ou com manchas brancas.
- Cor do dorso, escapulares, garupa, cor e o salpicado de branco nas coberteiras superiores da asa.
- Número de faixas na cauda.
- Projeção das primárias.
- Cor da cera e da íris (não confiáveis, usar em conjunto com outros dados).

futuro, deverão ser realizados estudos sobre o padrão de muda e sobre as diferentes plumagens pós-juvenis, de modo que seja possível identificar todas as idades até alcançar a plumagem adulta definitiva.

Referencias

Anderson, D. L., D. A. Wiedenfeld, M.J. Bechard, & S. J. Novak. 2004. Avian diversity in the Moskitia region of Honduras. *Ornitologia Neotropical* 15: 447-482

BirdLife International (2009) Species factsheet: *Spizæetus melanoleucus*. Downloaded from <http://www.birdlife.org> on 13/10/2009

Bortolotti, G. R., J. E. Smits & D. M. Bird. 2003. Iris colour of American Kestrels varies with age, sex, and exposure to PCBs. *Physiol and Biochemical Zoology* 76: 99-104.

Canuto, M. 2008. First description of the nest of the Black-and-white Hawk Eagle (*Spizæetus melanoleucus*) in the Brazilian Atlantic rainforest, southeast Brazil. *Ornitologia Neotropical* 19:607-610.

Casagrande, S., D. Costantini, A. Fanfani, J. Tagliavini & G. Dell'Orno. 2007. Patterns of serum carotenoid accumulation and skin color variation in kestrel nestlings in relation to breeding conditions and different terms of carotenoid supplementation. *J Comp Physiol B* 177: 237-245.

Ferguson-Lees, J. and D.A. Christie. 2001. *Raptors of the world*. Houghton Mifflin Company, Boston, Massachusetts, USA.

Howell, S.N.G., C. Corben, P. Pyle & D. I. Rogers. 2003. The first basic problem: a review of molt and plumage homologies. *Condor* 105: 635-653.

Howell, S. N. G. & S. Webb. 1995. *A guide to the birds of Mexico and northern Central America*. Oxford University Press, New York, USA.

Phillips, R. 2009. Studying Hawk-Eagles in Belize. *Neotropical Raptor Network Newsletter* 7: 1-11.

Pyle, P. 2009. *Identification guide to North American birds: Part II*. Slate Creek Press, Point Reyes, California, USA.

Steenhof, K. & Newton, I. 2007. Assessing nesting success and productivity. *Raptor research and management techniques*. Pages: 181-192 Bird, David M.; Bildstein, Keith L. (Eds.). Hancock House; Surrey, Canada & Blaine.

Stiles, G. F. & A. F. Skutch. 1989. *A guide to the birds of Costa Rica*. Cornell University Press, Ithaca, New York, USA.

Strauch, J.G., Jr. 1975. Observations at a nest of the Black-and-white Hawk-eagle. *Condor* 77:512.

* * *

Conscientização Pública Suporta Reintrodução da Águia Harpia (*Harpia harpyja*) em Belize.

por Sharon Matola, Programa de Recuperação Harpy Eagle em Belize. Zoológico de Belize e Centro de Educação Tropical, info@belizezoo.org

Antecedentes

O programa de restauração de águias harpias em Belize (BHERP, por suas siglas em inglês) começou em 2003 provendo apoio e assistência ao programa de conservação de águias harpias do Fondo Peregrino (The Peregrine Fund). As águias harpias criadas em cativeiro e soltas inicialmente no Panamá são trazidas a Belize e soltas em definitivo em florestas remotas após terem conseguido obter suas próprias presas. A mais recente harpia solta – um macho nascido em 2005 – totalizando 15 aves soltas em Belize. Esta águia harpia, junto às outras, estabelecerá seu novo lar nas florestas do noroeste do Belize, na unidade de conservação *Rio Bravo Conservation Management Area* (RBCMA) administrada

pelo Programa para Belize (Programme for Belize).

Esta área de floresta tropical, onde estão sendo soltas as águias harpias, faz parte da “Selva Maya”, a maior floresta tropical continua ao norte da bacia amazônica. A qual abarca aproximadamente 22.000 Km², estendendo-se desde Belize ao México e à Guatemala. Inclui a região do Petén – um sistema florestal rico e com alta biodiversidade; e cenário de algumas das mais famosas e bem estudadas ruínas Maías. As águias harpias soltas no RBCMA tem utilizado as florestas dos três países.

Sensibilização comunitaria

A maior ameaça para a águia harpia no curto prazo são

© Ryan Phillips



Águia harpia lançada na Área de Conservação do Rio Grande (Programa para Belize)

as pessoas com armas. Das 15 águias soltas, nove tem sobrevivido e quatro morreram, confirmando-se que foram abatidas por pessoas. Consequentemente, a educação ao público tem se identificado como uma ferramenta essencial ao esforço pela conservação da águia harpia do BHERP no Belize. Além de visitar às escolas locais, produzir folhetos e cartazes educacionais, ou realizar atividades de educação ambiental no zoológico de Belize, é muito importante envolver membros das comunidades na maioria dos aspectos da conservação das águias harpias quanto for possível. Para esse fim BHERP celebrou uma cerimônia para comemorar a décima quinta soltura de uma águia



Crianças participam em uma celebração sobre a águia harpia no Zoológico de Belize (The Belize Zoo).

harpia. A cerimônia teve lugar na pista da comunidade de Blue Creek, adjacente ao sítio de soltura. A águia harpia, quem recebeu o nome de “*Hope*” (Esperança), foi levada em um teco-teco à pequena pista da comunidade pouco depois de ter entrado no país. Antes de fazer o último percorrido por estrada até o sítio de soltura deu-se esta importante cerimônia. Dois pára-quedistas pularam desde um avião a 2.400 metros de altura, entregando “desde o céu” uma placa ao Perfeito e aos membros do conselho comunitário. A placa, uma imagem da águia harpia, mencionava o compromisso da comunidade com o “Cuidado da criação”. As crianças da escola estão envolvidas no programa de conscientização sobre a águia harpia há um tempo e

estas crianças tem dado os nomes às duas últimas águias soltas.

O motivo de ser proativos nesta comunidade em particular deve-se a um acontecimento onde uma águia harpia foi morta e mutilada. Envolver a estas pessoas na estratégia de conservação considera-se um componente imperativo para conseguir o sucesso do programa.



Uma leitura da criança sobre a importância da harpia.

Embora todas as solturas fossem importantes, deu-se uma maior importância a esta soltura devido ao fato de ter-la relacionado com o tema da mudança climática. Pesquisadores tem assegurado a necessidade de proteger as florestas com a finalidade de reduzir os impactos negativos da mudança climática. A conservação das florestas é também chave fundamental para a proteção da águia harpia.

* * *

Novas pesquisas sobre *Buteo ventralis* no sul de Chile

Por: Tomás Rivas ¹,
Heraldo Norambuena ^{2,1}, Víctor Raimilla ^{2,2} ¹ Escuela de Ciencias, Universidad Austral de Chile, e-mail:
peucomapu@gmail.com. ² Escuela de Ciencias Ambientales Universidad Católica de Temuco.
E-mail: ¹ buteonis@gmail.com & ² phalcoboenus@gmail.com

A ave de rapina *Buteo ventralis* é endêmica das florestas temperadas da América do Sul austral, presente entre os 35° - 55°S no Chile e na Argentina. Tem sido sugerido como uma espécie especialista de habitat (Trejo et al. 2006), um cenário que ameaça a sua conservação com o aumento progressivo na substituição de florestas por plantações de espécies exóticas (pinus e eucalipto) e novas licenças de terrenos para o uso agrícola. Estes fatores tem sido considerados pela UICN e à catalogado como espécie Quase Ameaçada. Na Argentina no tem sido registrados ninhos da espécie e nenhum estudo da historia natural (Trejo 2007). No Chile a situação tem mudado um pouco a partir da última década, iniciando com pesquisas sobre a dieta (Figueroa et al. 2000). Atualmente estão sendo realizados estudos da biologia reprodutiva da espécie. Esta teve inicio na primavera de 2007, onde o primeiro autor com o apoio de Ricardo Figueroa trabalhou no reconhecimento de sítios reprodutivos. O reconhecimento aconteceu na Cordilheira de Nahuelbuta (entre as regiões do Bio-bío e Araucania) encontrando onze territórios de nidificação (observação de adultos com filhotes) e se conseguiu encontrar três ninhos ativos. No seguinte período reprodutivo 2008-09 aumentou-se a área de estudo até a depressão intermédia da Região da Araucania e a dos Rios. Com a participação de Javier Medel, o estudo realizou-se também na Cordilheira de la Costa da Região dos Rios. Durante este segundo período encontraram-se mais onze territórios dos quais dois ninhos ativos sumariam o total de cinco novos ninhos registrados. A maioria dos casais foram encontrados em florestas primarias continuas e fragmentadas (>80ha) do tipo laurifólio. Nestes dois períodos na Região da Araucania foram coletadas centos de restos de presas e pelotas, as quais estão em analises.



Buteo ventralis (femêa jovem), costa de Valdivia, Sul de Chile



Ninho com três filhotes, costa de Valdivia, Sul de Chile

Uma segunda equipe de trabalho, composta pelos outros dois autores, tem monitorado de forma permanente um casal no Monumento Natural Cerro Ñielol durante o período reprodutivo 2009-10. Somando até agora mais de 350 horas de observações. O objetivo é de descrever o cuidado parental e as interações desse casal com outras aves de rapinas simpátricas. Atualmente avalia-se o grau de sobreposição na dieta e no uso do habitat com a espécie *Buteo polyosoma* no pequeno fragmento de 89,5 ha.

Os seis ninhos, aportam cinco novos aos já descritos historicamente na década de 1940 (Housse 1945, Goodall et al. 1951, Benh 1947, Figueroa et al 2000). Com a primeira aproximação aos requerimentos do

habitat de nidificação, podemos dizer que a espécie requiere uma estrutura florestal irregular (árvores com diferentes diâmetros) e de vários estratos com árvores de grande altura para a espécie pousar e nidificar. No entanto, o *B. ventralis* pode usar fragmentos de florestas alternados de áreas abertas de pastagens e áreas úmidas.

Como resultados dos presentes estudos temos conseguido informação importante sobre a: i) biologia reprodutiva, ii) comportamento reprodutivo, iii) uso de habitat, iv) comportamento de predação, v) ecologia trófica, vi) estrutura e morfometria do ninho, vii) interações com outras aves de rapina e, viii) estatus de residência.

Para a temporada reprodutiva atual e nas subsequentes pretendemos intensificar a procura de territórios reprodutivos e ninhos. Desta maneira, incrementaremos o conhecimento dos aspectos previamente mencionados. Igualmente iniciaremos pesquisas populacionais a longo prazo.

Grupo de pesquisa:

Tomás Rivas, Ricardo Figueroa y Javier Medel – Regiones del Bio-bío, Araucanía y Los Ríos, Chile.

Heraldo Norambuena y Víctor Raimilla – Monumento Natural Cerro Ñielol, Región de la Araucanía, Chile.

Referencias

Behn, F. (1947) Contribución al estudio de *Buteo ventralis*. Boletín Sociedad Biología de Concepción 22: 3-5.

Figueroa, R. A., J. E. Jiménez, C. A. Bravo, & E. S. Corales (2000) The diet of the Rufous-tailed Hawk (*Buteo ventralis*) during the breeding season in southern Chile. Ornitología Neotropical 11:349-352.

Goodall, J. D., A. W. Johnson, & R. A. Philippi (1951) Las aves de Chile. Vol.II. Establecimientos Gráficos Platt SA, Buenos Aires, Argentina.

Housse, R. (1945) Las aves de Chile y su clasificación moderna: su vida y sus costumbres. Santiago, Chile. Ediciones Universidad de Chile.

Trejo, A. (2007) Identificación de especies y áreas prioritarias para el estudio de la reproducción de aves rapaces de Argentina. Hornero 22(2): 85-96.

Trejo, A., R. A. Figueroa & S. Alvarado (2006) Forest-specialist raptors of the temperate forests of southern South. Revista Brasileira de Ornitologia 14: 317-330.

* * *

© Heraldo Norambuena Ramírez



Buteo ventralis (macho), Monumento Natural Cerro Ñielol, Temuco, Sul de Chile

Ocorrência de Coruja Preta, *Strix hubula* (STRIGIDAE, AVES), Em Área Urbana de Niterói, Estado de Rio de Janeiro, Brasil

por Môsar Lemos, ABFPAR Associação Brasileira de Falcões e Preservação de Aves de Rapina, lemosmosar@hotmail.com y Andréa de Andrade Rangel de Freitas, Faculdade de Veterinária. Universidade Federal Fluminense, andreaarfritas@hotmail.com

Strix hubula é uma coruja endêmica da América do Sul, sendo descritas duas subespécies: *S. hubula hubula* na porção oeste-setentrional da América do Sul cisandina, desde o extremo norte (do leste da Colômbia às Guianas) até o Brasil amazônico e este-setentrional adjacente (norte do Maranhão e Piauí); e *S. hubula albomarginata*, no Brasil este-meridional, do Rio de Janeiro a Santa Catarina, e sudeste de Minas Gerais, esta última com distribuição restrita à região de Floresta Atlântica no sudeste do Brasil, leste do Paraguai e nordeste da Argentina (Gonzaga e Castiglioni 2004). *Strix hubula* é uma coruja com 31 a 36 cm com um disco facial negro com linhas brancas

Strix hubula no bairro de São Francisco, cidade de Niterói (RJ), Brasil.

Utiliza o extrato superior da floresta tropical alta e florestas úmidas subtropicais (Duncan 2003). A espécie foi descrita por Daudin em 1800 e segundo Alves *et al* (2000) é uma espécie pouco abundante e os dados existentes são insuficientes para determinar seu *status* de conservação no Estado do Rio

de Janeiro. A maioria das corujas grandes é naturalmente rara, ocorrendo em baixa densidade e apresentando áreas de vida relativamente extensas e nidificam principalmente em árvores ocas (Sick 1997) que nem sempre estão disponíveis e pelas quais competem com uma série de outros animais, e, além disso, as atividades predominantemente noturnas

fazem com que, quando comparadas a outras aves, as corujas maiores tenham suas áreas de ocorrência menos conhecidas (Antunes *et al* 2006). Gonzaga e Castiglioni (2004) relataram a presença da espécie no maciço da Tijuca, cidade do



Rio de Janeiro através do registro de vocalização de um indivíduo. Segundo os autores, este foi o primeiro registro documentado de *S. hubula* no município do Rio de Janeiro, afastando dúvidas a cerca de sua existência na região. A espécie não consta da lista de aves de rapina observadas por Lemos (2000) em Niterói. No

dia quatro de agosto de 2007 uma ave grande de silhueta escura foi avistada pela primeira vez às 22h 30 min investindo sobre morcegos que se alimentavam em uma garrafa contendo néctar pendurada no telhado da casa a 2,5 m de altura do solo. Algum tempo depois, em uma segunda investida a ave atravessou a garagem, capturando um morcego, possibilitando a visualização de uma coruja preta. Às 23h 50 min a ave empoleirou a aproximadamente seis metros de altura em um galho de flamboyant vermelho (*Delonix regia*) no quintal da casa, com a atenção voltada para a mesma garrafa onde os morcegos se concentravam. Nesta ocasião, permaneceu pousada cerca de dez minutos o que permitiu a identificação e o registro fotográfico com máquina digital. *Strix bubula* tem sido relatada principalmente em localidades de baixa altitude, entre o nível do mar e 500 m, raramente alcançando 1400 m. Habita áreas de floresta úmida com árvores altas (incluindo matas de araucária), mas é ocasionalmente encontrada em ambientes antrópicos como bananais e cafezais. A altitude e o horário de atividade da ave observada coincidem com as informações de Gonzaga e Castiglioni (2004) no maciço da Tijuca. É conhecido que as espécies noturnas desenvolvem uma maior atividade caçadora durante o crepúsculo e a noite, até aproximadamente 21 horas, sugerindo uma possível modificação deste horário nas noites de lua cheia, por melhorar a visibilidade e agindo na produção de sombras, o que também coincide com a noite do presente relato. A alimentação dos estrigídeos brasileiros é em boa parte constituída por insetos. Entretanto estas aves também capturam roedores, marsupiais, morcegos, lagartos e rãs e preferem áreas com sub-bosque aberto para caçar, utilizando bordas de mata (Sick 1997). Este é o primeiro registro fotográfico da espécie no Estado do Rio de Janeiro, e contribui para mostrar que mesmo os pequenos fragmentos da Floresta Atlântica são importantes na manutenção da biodiversidade devendo ser preservados nos projetos de urbanização.

Referências bibliográficas

- Alves, M. A. S., J. F. Pachecho, L. A. P. Gonzaga, R. B. Cavalcanti, M. A. Raposo, C. Yamashita, N. C. Maciel & M. Castanheira (2000). *Aves*, p. 113-124. Em: Bergallo, H. G., C. F. D. Rocha, M. A. S. Alves, and M. Van Sluys. A fauna ameaçada de extinção do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora UERJ.
- Antunes, A.Z., M. R. Eston, A. S. R. Santos, G. V. Menezes, & A. M. R. Santos (2006) Presença de Coruja-Listrada *Strix hylophila* Termmick, 1825 (Aves, Strigidae) no Parque Estadual Carlos Botelho São Miguel Arcanjo, Estado de São Paulo (Nota Científica). *Rev. Inst. Flor* 18: 167-171.
- Duncan, J.R. (2003). *Owls of the World: their lives, behavior and survival*. New York, Firefly Books. P. 254-255.
- Gonzaga, L. P. & G. D. A. Castiglioni (2004). Registros recentes de *Strix bubula* no Estado de Rio de Janeiro (Strigiformes: Strigidae). *Ararajuba*. 12 (2): 141-142.
- Lemos, M. (2001) Ocorrência e status de algumas aves de rapina no município de Niterói, Estado de Rio de Janeiro. *Boletim ABFPAR*. 4 (2): 6-11.
- Sick, H. (1997). *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. P. 403.

* * *

NOVA LITERATURA

Compilado por Lloyd Kiff, O Fundo do Peregrino, lkiff@peregrinefund.org

MG. BIOTA é uma revista técnico-científica publicada pelo Instituto Estadual de Florestas, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Recentemente, uma edição inteira (vol. 1, no. 5, 2008) foi dedicada aos resultados dos estudos de longo prazo de aves de rapina Rio Doce State Park, feita pelo grupo SOS Falconiformes, onde pedaços da floresta atlântica lendário brasileiro ainda existem. Esta publicação atraente em formato de revista contém excelentes fotos e registros de espécies com informações factuais de interesse para todos os amantes de aves de rapina. Além disso, ele fornece um excelente modelo, que poderá ser replicado por outros grupos que trabalham com aves de rapina em outras partes da região Neotropical. Os artigos incluem especificamente:

Pp.4-43, Carvalho Filho, E.P.M., G. Zorzin, M. Canuto, C.E.A. Carvalho, and G.D.M. Carvalho. Aves do rapina diurnas do Parque Estadual do Rio Doce, Minas Gerais, Brasil [Diurnal raptors of Rio Doce State Park, Minas Gerais, Brazil].

Pp. 44-57, Zorzin, G., M. Canuto, E.P.M. Carvalho Filho, and C.E.A. Carvalho. Aves de rapina noturnas do Parque Estadual do Rio Doce, Minas Gerais, Brasil [Nocturnal raptors of Rio Doce State Park, Minas Gerais, Brazil],

Pp.58-59, Canuto, M. Gavião-pombo-pequeno (*Leucopternis lacernulatus*) [White-necked Hawk [(*Leucopternis lacernulatus*)].

Fabio Raposo do Amaral, Frederick H. Sheldon, Anita Gamauf, Elisabeth Haring, Martin Riesing, Luis F. Silveira, e Anita Wajntal. 2009. Padrões e processos de diversificação em um grupo amplo e diversificado ecologicamente aviária, os falcões buteonine (Aves, Accipitridae). Molecular Phylogenetics and Evolution 53 (3) :703-715. Entre muitos estudos importantes sobre a filogenia molecular de aves de rapina publicado em 2009, este artigo foi, provavelmente, gerou mais interesse dos pesquisadores na região Neotropical. Baseado em seqüências marcador mitocondrial e um intron nuclear de 54 espécies, os autores concluíram que gênero Buteo originado na América do Sul durante o Mioceno e, posteriormente, se espalhou para o Nearctic e depois para o Velho Mundo. O comportamento migratório de este grupo evoluiu várias vezes, contribuindo para a derivação das espécies ilha eo holarctica dispersão. Particularmente interessante é a confirmação adicional das constatações feitas anteriormente pelo primeiro autor (Amaral et al. 2006), que *Leucopternis* do gênero amplamente distribuído não é monofilético e que as espécies tradicionalmente colocada na verdade pertence a 3 classes diferentes. Esta descoberta, que também foi confirmado por Heather Lerner da Universidade de Michigan, ainda está pendente das comissões de classificação para tomar as ações apropriadas. É interessante que os autores deste trabalho são funcionários de três laboratórios em três continentes diferentes, um testemunho para a tendência de colaboração internacional em ornitologia, nomeadamente no campo da genética molecular.

Pesquisadores das rapinantes do México e América Central deve estar ciente da riqueza de informações sobre a distribuição de rapaces que foi incluída na revista trimestral "Pássaros norte-americanos", nas seções sobre o México (editada por Hector Gomez de Silva) e América Central (editado por Lee Jones, Belize e Oliver Komar, em El Salvador). Para aqueles interessados em expansão recente e permanente das gamas de aves de rapina da região da América Central, este é o lugar onde você pode encontrar registros atualizados no momento. Todos os registros de aves de rapina nas colunas da América Central foram recentemente incluídos nas seções de distribuição GRIN (registro das espécies) nos sumários por país, e os estados e territórios do México, será incorporados a GRIN em um futuro próximo. "Pássaros norte-americanos" é atualmente publicado pela American Birding Association e, recentemente, incluídos os arquivos eletrônicos de folhetos desde 1973 no site "SORA" em: <http://library.unm.edu/sora/NAB/index.php#>.

PRÓXIMAS CONFERÊNCIAS

COS/AOU/SCO JOINT MEETING 7-11 Fevereiro 2010, San Diego, California, USA **Para mais informações visite:** <http://www.birdmeetings.org/cosaousco2010/default.htm>

BIRD MIGRATION AND GLOBAL CHANGE 17-20 Março 2010, Estrecho de Gibraltar, Algeciras, España **Para mais informações visite:** <http://www.fundacionmigres.org/congresos/globalchange/Presentation.html>

25th INTERNATIONAL ORNITHOLOGICAL CONGRESS 22-28 Agosto 2010, Campos do Jordão, Sao Paolo, Brasil. **Para mais informações visite:** <http://www.ib.usp.br/25ioc/>

GYRFALCONS AND PTARMIGAN IN A CHANGING WORLD 1-3 Fevereiro 2011, Boise, Idaho, USA **Para mais informações visite:** http://www.peregrinefund.org/Gyr_conference/

IX NEOTROPICAL ORNITHOLOGICAL CONFERENCE 2011, Peru. **Para mais informações visite:** <http://www.neotropicalornithology.org/>

Harpyhaliaetus solitarius © Yeray Seminario



Red de
Rapaces
Neotropicales

www.neotropicalraptors.org

A RRN (pelas siglas em espanhol) é uma organização baseada em afiliações. O objetivo é contribuir para a conservar e pesquisar as aves de rapina neotropicais. Promovendo a comunicação e colaboração entre pesquisadores, ambientalistas e entusiastas pelas aves de rapina que trabalham na região Neotropical.

Para participar da RNN envie um e-mail a mcurti@fondoperegrino.org com uma breve apresentação e comunicando seu interesse na pesquisa e conservação das aves de rapina.



THE PEREGRINE FUND
Working to Conserve Birds of Prey in Nature

Artigos foram traduzidos e/ou editados por Edwin Campbell, Mosar Lemos, e Sergio Humberto Aguilar Rodríguez

Coordinadora RRN: Marta Curti - mcurti@fondoperegrino.org